

Cristo e o Discípulo de Emaús

Prof. Paulo José Benício*

Resumo

O "espírito de Emaús", contrário a todo academicismo, foi o que inspirou Murilo Mendes a escrever *O Discípulo de Emaús*, obra que será objeto deste artigo. Este notável intelectual, que é ao mesmo tempo um sensível artista, mostra-nos, baseado em sua leitura referente à narrativa da "estrada de Emaús", uma vida poética compatível com a teologia. Após uma breve apresentação do autor, confrontaremos a imagem de Cristo em *O Discípulo de Emaús* e nas Escrituras, tendo em vista nos aproximarmos cada vez mais do "espírito de Emaús", apreciando toda esta riqueza teológico-poética.

Palavras-chave

Teologia, poesia, arte.

Introdução

Neste ano, em que se comemora o centenário de nascimento de Murilo Mendes (1901-2001),¹ nada mais apropriado do que lhe prestar uma homenagem, considerando sua repercussão mundial como um dos ganhadores do maior prêmio já concedido a um poeta na Itália, em 1972, o Etna-Taormina.

Nos anos 40, o poeta mineiro se encontrava fortemente atraído pelo episódio bíblico de Emaús.² Em consequência disso, foram publicados, em 1945, o poema "Emaús", no livro *Mundo Enigma* (ME),³ e a obra *O Discípulo de Emaús* (DE).⁴

A proposta deste artigo é, junto com o leitor, percorrer a famosa estrada, fomentando um "diálogo" entre esses dois personagens, que certamente eram amigos íntimos – Jesus Cristo e Murilo Mendes –, não somente baseados em algumas reflexões acerca das imagens de Jesus, como também pela perspectiva bíblica do "espírito de Emaús", que se pauta pelo desprendimento, pela improvisação e pela fraternidade (DE, 1995, fragmento 235, p.838).

Procuraremos incentivar, com isso, a apreciação de uma poesia totalmente fundamentada na contemplação da obra divina, pelo aprofundamento da Escritura, pelo companheirismo, pela visão do céu aberto, do pão eterno, de uma posta de peixe e de um favo de mel. É o complemento e a plenitude do espírito do Sermão da Montanha, o mais alto e perfeito exemplo de vida poética jamais proposto aos homens.

I. O Cristo Hóspede

Murilo Mendes cultivava e refletia, em todos os seus escritos, um cristianismo essencialmente *cristocêntrico*, declarando-se eternamente seduzido pela humanidade do Filho de Deus. Como podemos observar já nas primeiras linhas do poema *Emaús* (ME, 1995, p.378), ele expressa de forma apaixonada a sua mais profunda admiração pela

natureza humana de Cristo.

Sempre és o hóspede – nunca és o rei

Muito mais derrotado que vitorioso!

Qualquer leitor sensível concordaria em reconhecer que essas palavras perscrutam o mistério da *encarnação divina* – o “rebaixamento” da condição de *rei vitorioso* à de *hóspede derrotado*. Ao contrário de uma idéia de derrotismo ou debilidade, tão presente na maioria das imagens que se criam, particularmente no Brasil, em torno da pessoa de Cristo, o autor está aludindo a uma virtude do seu caráter. Em termos neotestamentários, neste sentido, uma das abordagens mais incisivas foi feita por Paulo:⁵

Pois ele (Cristo), subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte de cruz! (Filipenses 2, 6-8)⁶.

No trecho acima, provavelmente citando parte de um hino cristológico composto por comunidades cristãs incipientes, o apóstolo alude ao auto-esvaziamento (*kenôsis*) de Cristo.⁷ Essa autonegação consistiu na “desistência” do exercício dos atributos divinos, já que, voluntariamente, assumira o Redentor a *forma de um servo (morphé dúlu / forma servi)*, no cumprimento do seu ofício de mediador.

Nas palavras do profeta Isaías, o *Servo Sofredor* compadece-se das nossas dores e pensa em nossas feridas (cf. Isaías 52,13 – 53,12). Ele se encontra à porta da nossa casa e bate; mas, tão-somente se reconhecermos sua voz e permitirmos que entre, ele nos faz uma visita e se torna nosso hóspede (cf. Apocalipse 3,20). Uma perspectiva cristológica, assim tão coerente com o *status humiliationis Christi*, nos obriga a trazer à baila um outro aspecto, a saber, aquele que concerne ao *Reino de Deus (bassiléia tu theú)*.

Em *O Discípulo de Emaús*, Murilo Mendes assevera que “o Reino de Deus está em nós” (grifo nosso) (1995, fragmentos 33, 263 e 287, p.819, 841 e 843). Tal afirmação possui, sem dúvida, respaldo bíblico (cf. Lucas 17, 21). A mesma colocação faz o *Enviado* aos dois discípulos, quando andam com ele de Jerusalém para Emaús, explicitando que a primeira vinda do Messias não seria bombástica, mas humilde e sofredora (Lc 24, 26). Em outras palavras: uma exegese saudável das escrituras veterotestamentárias não promete que Cristo viria ao mundo para libertar, poderosa e gloriosamente, o povo judeu do domínio romano, usando o *etro do rei Davi*. O próprio Jesus, durante seus três anos de ministério terreno, veementemente, chamou a atenção daqueles que o ouviam para o fato de ser o *Reino de Deus* o senhorio do *Salvador* no coração de quem a ele se entregasse, num ato de fé e arrependimento (*conversão*).⁸

Se o *homem de hoje* permitisse que esta visão de *Senhor Crucificado* penetrasse em seu lar, o mundo certamente não estaria tão desarrumado!⁹ Infelizmente, porém, os cristãos têm-se mostrado bastante refratários a qualquer visão poética, particularmente àquelas que não são amplamente reconhecidas como explicitamente *cristãs*. Ouçamos, neste sentido, portanto, o que mais este importante poeta tem a nos dizer.

II. O Cristo Companheiro

Sempre interessado na relação entre o *visível* e o *invisível*, Murilo Mendes, em *O Discípulo de Emaús*, fazendo alusão à vívida narrativa lucana a respeito da caminhada de Jesus e dos dois discípulos (Luc. 24, 13-35), afirma com extrema propriedade: "O espírito de Emaús é o espírito de *companheirismo com o Cristo*" (1995, fragmento 746, p.890).

A amizade que o *Senhor Ressurreto* demonstra para com esses desiludidos, confusos e entristecidos seguidores tem muito a nos ensinar. O *Messias* percorre com eles longos caminhos (o percurso de 11 km, de Jerusalém para a insignificante aldeia de Emaús), a eles expõe as Escrituras detalhadamente, com eles também se alimenta prazerosamente e, finalmente, a eles se dá a revelar de forma cristalina (Luc 24, 13-35).

No Evangelho escrito por João, o discípulo a quem Jesus muito amava, as relações interpessoais são por demais valorizadas.¹⁰ Da pena joanina, um dos registros mais comoventes sobre *amizade* encontra-se nas palavras de despedida proferidas por Jesus no Jardim do Getsêmani, pouco antes do seu aprisionamento, palavras essas dirigidas exclusivamente aos seus discípulos. Leiamos esta declaração de companheirismo:

Já não vos chamo servos (dúlus), porque o servo (dúlos) não sabe o que faz o seu senhor (kýrios); mas tenho-vos chamado *amigos* (grifo nosso) (fílus), porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer (Jo. 15,15).

Exegetas alertam-nos para o fato de *não* devermos concluir da expressão "já não" que, antes deste encontro de despedida, Jesus chamava seus discípulos de escravos ou os tratava como tais. Na verdade, o texto quer dizer que, agora, no Cenáculo, o *Mestre* está descortinando os segredos da motivação íntima do seu ministério e sacrifício iminente. Um escravo não precisa saber por que seu dono lhe dá uma ordem. Ele só deve obedecer, não deve conhecer a razão dos fatos que o cercam.¹¹ Com um amigo, em contrapartida, podemos compartilhar esperanças e planos, porque ser amigo é confiar-se por inteiro ao outro.

Como bem expressa Murilo Mendes: "Ser amigo é repartir a vida" (DE, fragmento 746, p.890). Indubitavelmente, é Cristo o amigo por excelência, porquanto "Observando a lei do amor e da unidade, compartilhou, sacramentalmente, seu corpo – o pão –, seu sangue – o vinho –, no maior púlpito do mundo – a cruz!" (DE, fragmentos 233, 261 e 265, p.838 e 841).

Jamais conseguiremos compreender (*in totum*) como ele pôde dar a *comunhão* até mesmo ao próprio Judas, o traidor.

III. O Cristo Escritura

É certo que Murilo Mendes insistia em se aprofundar no conhecimento da Escritura. Ele pareceu literalmente *ruminar* a narrativa de Emaús, mostrando-se atento à crítica que Jesus fez aos discípulos por não aceitarem a sua morte, chamando-os mesmo de *nescios, obtusos, lerdos (anoêtoi)*¹² (Lucas 24,25). Mostra-se também alerta à exposição que Jesus fez de todas as Escrituras (Lucas 24,27), a qual provocou até ardor nos corações dos seus discípulos (Lucas 24,32), clamando, em *O Discípulo de Emaús*: "Para que o mundo futuro se revestisse do ESPÍRITO DE EMAÚS – isto é, para que se lhe abrisse o entendimento, e ele se penetrasse do sentido da Escritura (1985, 1995, fragmento 231,

p.838).

Mas, o que significa Escritura, na concepção teológica muriliana? Permitamos que ele mesmo o diga: "A vida da Escritura consiste Nele [na Pessoa de Cristo], desde a primeira palavra do Gênesis até a última do Apocalipse" (1995, fragmento 232, p.838). Em outras palavras: o escritor ansiava fervorosamente para que "O homem se deixasse decifrar pelo amigo Jesus Cristo, o qual não deveria ser desagradado pela comissão de pecados" (1995, fragmento 249 e 406, p.840 e 855).

Não nos é possível saber ao certo se Murilo Mendes possuía conhecimento de edições protestantes sobre a pessoa e a obra de Jesus, mas é inegável a semelhança das citações feitas com as asseverações do reformador protestante Martinho Lutero (1483-1546), quando ele aplica, como critério canônico, a simples presença de Jesus Cristo a praticamente cada porção da Bíblia (*was Christum treibet* ou que impulsiona a Cristo).

Os discípulos de Emaús não foram os únicos a serem admoestados, por não terem compreendido que o *Nazareno* era o cumprimento da *Lei* e dos *Profetas*. Foram-no, entre outros, também os saduceus, componentes da aristocracia dominante da política judaica. Numa calorosa altercação, envolvendo a doutrina da ressurreição, o *Mestre* critica-lhes a ignorância escriturística, dizendo: "Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mateus 22,29).

Desconhecer a Escritura é desconhecer a Cristo, pois "São elas mesmas que testificam de mim [de Jesus Cristo], o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim". (João 5,39 e Apocalipse 22,13). Se desejarmos conhecer bem o *Galileu*, devemos-nos exercitar em uma penetrante análise da Bíblia, já que "O livro de Deus não foi escrito só para ser lido, mas para ser devorado" (1995, fragmento 138, p.828).

Se os homens realmente meditassem com afinco na Palavra do Senhor,¹³ e não fossem seus discípulos tão adversos ao seu mestre e amigo Jesus Cristo, passariam simples e cotidianamente a saborear a real presença do manso Cordeiro de Deus (cf. Mateus 11, 28-30 e João 1,29), em todas as formas de manifestação e concepção, até mesmo nas evidenciadas pelo poeta em questão, extraíndo delas valiosas lições teológicas.

IV. Poemas Teológicos De Murilo Mendes

A título de ilustração, apresentaremos, a seguir, três poemas (cf. Whiteman, 1997) do imenso e riquíssimo arcabouço do incansável artista-teólogo (ou seria ele um teólogo-artista?) em estudo. Esta é somente uma pequena mostra da sensibilidade estética e da profunda consciência do *paradoxo* entre a limitação humana e a soberania divina do autor.

As seguintes linhas lembram-nos o fato tão freqüentemente esquecido, de que a poesia, quando é boa poesia, fala por si mesma, e que todo leitor, se é um bom leitor, consegue ler, na musa, muito mais do que quis dizer o poeta e muito mais do que qualquer palavra humana seria capaz de expressar.

A Musa

Tu és a relação entre o poeta e Deus.
Tu prefiguras uma imagem do Eterno
porque a todo instante organizas o mundo.
Sem ti minha poesia se extinguirá,
Sem ti eu ficaria mirando as construções do tempo.
Tu assistes aos movimentos da minha alma,
E aumentas minha sede do ilimitado.
Um dia, quando o Eterno me der a grande força,
Prenderei tua cabeça entre as constelações
A fim de orientar os poetas futuros.

O Poeta Futuro

O poeta futuro já se encontra no meio de vós.
Ele nasceu da terra
Preparada por gerações de sensuais e de místicos:
Surgiu do universo em crise, do massacre entre irmãos,
Encerrando no espírito épocas superpostas.
O homem sereno, a síntese de todas as raças, o portador da vida
Sai de tanta luta e negação, e do sangue espremido.

O poeta futuro já vive no meio de vós
E não o presentis.
Ele manifesta o equilíbrio de múltiplas direções
E não permitirá que algo se perca,

Não acabará de apagar o pavio que ainda fumega,

Transformando o aço da sua espada

Em penas que escreverão poemas consoladores.

O poeta futuro apontará o inferno

Aos geradores de guerra,

Aos que asfixiam órfãos e operários.

Parábola

É muito difícil esconder o amor

A poesia sopra onde quer

O poeta no meio da revolução

Pára aponta uma mulher branca

E diz alguma coisa sobre o Grande enigma

Os sábios sonham

Que estão mudando Deus de lugar.

Conclusão

Contemplando o caminhar do Cristo e de Murilo para Emaús, a que conclusões poderíamos chegar? Como eles se relacionam? Como um *lê* o outro?

Sem dúvida, Murilo tem muita admiração por Cristo, pois, à sua maneira de ver, este *amigo do peito* é bastante "paradoxal". Ao mesmo tempo, é discreto e penetrante, delicado e severo, sábio e humilde, carente e amoroso, sofredor e vitorioso, escritura e escritor, enfim, homem e Deus. Com certeza, Cristo tem um carinho todo particular pela busca da completitude espiritual do companheiro Murilo, companheiro espontâneo e sincero, que lembra outros velhos amigos: Paulo, na sua fé e ciência; João, no seu amor e fidelidade; e Pedro, na sua fragilidade e coragem.

Quão íntimos são estes dois, Cristo e Murilo! Quão honrosa é esta amizade! Ao lado deles, só deixaremos de percorrer também a poeirenta e pedregosa. estrada de Emaús

quando alcançarmos, definitivamente, a belíssima e mui acolhedora Jerusalém celestial.

Referências

Almeida, João Ferreira de Almeida (Tradução). 2 ed. (revista e atualizada). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRUCE, F. F. *João, introdução e comentário*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1987.

HOUSTON, James. *Orar com Deus*. Trad. João Bentes. São Paulo: Abba Press, 1995.

LADD, George. *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Darci Dusilek e Jussara M. P. S. Árias. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

MENDES, Murilo. *Mundo enigma*. Porto Alegre: Globo, 1945.

_____. *O Discípulo de Emaús*. In: *Murilo Mendes – Poesia Completa e Prosa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. 1v.

MORRIS, Leon. *Lucas, introdução e comentário*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, Mundo Cristão, 1974.

MOURA, Murilo Marcondes de. *Murilo Mendes – A Poesia como Totalidade*. São Paulo: Edusp, 1995.

NOUWEN, Henri. *Fontes de Vida*. Trad. Luis Fernando Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1997.

WEINGÄRTNER, L. *Em Diálogo com a Bíblia – Filipenses*. Curitiba: Encontro, Belo Horizonte: Missão Editora, 1992.

WHITEMAN, Francis. *Murilo Mendes* [on line]. 1997. Disponível: <http://www.geocities.com/Paris/Rue/1740/murilo.html> (Contribuição de Tiago Maia).

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e mestre em Teologia pela Feta / STH (Basiléia, Suíça). Atual docente no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

¹ Veja site dedicado à sua memória no artigo "Centenário de nascimento do poeta Murilo Mendes", 2001 (<http://www.jfsservice.com.br/estacao/artistas/arquivo/2001/05/11-murilo/>)

² "Emaús é como que o símbolo evangélico da religiosidade muriliana," escreveu José Guilherme Merquior (Cf. Mendes, 1995, p.14).

³ Republicação em 1994 (1ed.) e 1995 (2ed.) pela Editora Nova Aguilar, em volume único (MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar), com organização, preparação de texto e notas de Luciana Stegagno Picchio.

⁴ *O Discípulo de Emaús* foi-nos legado em *fragmentos*. Ao longo do artigo, como poderá ser observado, lançaremos mão de diversos outros, pela necessidade temática, e não somente daqueles que tratam diretamente do *episódio de Emaús* (ibidem, os fragmentos 231- 235, p.838).

⁵ Paulo, o apóstolo aos gentios, muito influenciou o pensamento de Murilo Mendes (cf. Moura, 1995, nota 9, p.106).

⁶ Acurado estudo de Filipenses 2, 5-11 pode ser feito com base no título, em *Cristo, o Supremo Exemplo*, em Weingärtner (1992, p.51-58).

⁷ No final do século I, os escritos joaninos também trataram do assunto ao versarem sobre a *encarnação do Logos (VERBUM) de Deus*.

⁸ Aqui estamos tratando da *era presente do Reino*, vinculada à primeira vinda de Cristo, em *estado de humilhação*. A *futura*, ligada ao retorno do Messias, em estado de exaltação, seria assunto para um outro trabalho. Uma abordagem desse assunto é feita por Ladd (1984).

⁹ Nos Evangelhos, muitas famílias foram recompostas pela presença do *Hóspede Restaurador*. Ler, por exemplo, Lucas 19, 1-10 (*A visita de Jesus à casa do publicano Zaqueu*).

¹⁰ Os diálogos de Jesus com Nicodemos (cf. João, 3) e com a mulher samaritana (cf. João, 4) mostram uma das estratégias de que fez uso na partilha do Evangelho – *a da amizade!*

¹¹ Toda a perícopes (João 15, 12-17) que envolve esse versículo é muito bem exegetizada por Bruce, F. F. *João – Introdução e Comentário*. (1987, p.266-267), sob o título *Os Amigos de Jesus*. Os livros de James Houston, *Orar com Deus* (1995) e de Henri Nouwen, *Fontes de Vida* (1997), dão uma ótima orientação para uma transformadora amizade com o PAI.

¹² Uma rápida avaliação respeitante às diversas propostas de tradução do termo grego *anoêtoi* é feita por Morris (1974, p.317-318).